

## REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

# CHRONICA

A CABRA CEQA, esculpiu Bartild



Nas suas paginas raras vezes falla a caricatura pessoal. É mesmo notavel a sua serie de celebridades in glezas, — professores, lords, litteratos, poetas, principes, que publicou em 1883 e 1884, e onde os individuos eram sempre expostos pelo seu lado mais comico. Tambem nas suas grandes paginas de centro faz a caricatura pessoal da politica ingleza — mas com a mesma gravidade de ironia com que Tackewy desenhou os *snobs*. As vezes, para ser mais mordente, sobe até certos exageros que lembram em litteratura as paginas cruéis de Swift. Mas quando o *Punch* quer ser terrivel, esmagador, escandaloso mesmo — tem a malicia londrina de atacar os grandes politicos europeus... os que habitam para além da Mancha! O caricaturado — como o foi Mac-Mahon e como o é regularmente Bismarck — pode mandar prohibir a circulação do *Punch* no seu palacio. Mas esta extremidade ou a d'um processo, só servem para provocar novas tiragens do jornal, cujo numero se passa a vender por dezenas de mil exemplares.

E o *Vanity fair* emprega o seu tempo a dar simples chromos-caricaturas (como os do *Album das Glorias*) dos typos celebres de momento, acompanhados d'um texto finamente escripto, onde se resumam em revista os acontecimentos da semana, e que é immensamente apreciado em Londres.

~ Já vêem por esta simples exposição que o *Antonio Maria* não podia ser se não portuguez. O genero seria inadmissivel em Londres por ser irreverente em extremo; e infructifero e perigoso em Paris por apenas tocar uma corda — a da politica.

Só em Portugal, n'aquelle estado de permanente guerra politica, é que elle podia viver; e affirmo-o com uma certa tristeza, por ver como o illustre artista se deixou subugar pelo seu meio, por ver como a Politica n'estes ultimos vinte annos tem feito da imprensa diaria um simples patamar onde por questões puramente politicas, se vem dizer as ultimas offensas pessoais aos homens que estão no poder.

Em França, Cassagnac é um inimigo terrivel dos republicanos, mas quando se cruza nos corredores com um quasi-socialista como Clovis-Hugues, os dois laudam-se como dois perfeitos cavalheiros que são. Ainda ha bem pouco tempo Rochefort no *Intransigent* atacava fortemente um general do partido de Ferry, por actos politicos que o jornalista considerava absurdos. Se Rochefort fosse um homem desacreditado, um general de França limitava-se a chamar o jornal difamador aos tribunaes. Mas Rochefort é um homem de bem: e os dois cruzam ferro no campo. O general fica ferido; e depois de terminado o combate, quando perguntar por um testemunha a Rochefort se este lhe quer perdoar a mão, Rochefort corre para elle, abraça-o e exclama:

— Bat-me com o politico... mas pelo general e pelo homem estou prompto a dar a vida!

Em Portugal, não direi os chefes dos partidos, mais diplomatas sem duvida, mas os fillos do cedejam-se entre si, por uma ignorancia crassa que lhes não permite distinguir o individuo do cidadão. O simples facto de seres *progressista* e o bastante para que o *regenerador* seu vizinho te tenha por um patife!

Isto passa-se entre os grupos monarchicos que mais probabilidades tem de dançar a contradança do poder. Mas quando se trata de grupos com ideias dominantes oppositas, quando se falia de *miguelistas liberais, republicanos ou socialistas* — os senhores sabem melhor do que eu o que dizem uns dos outros, como se amam, oh! como se amam! e como se respeitam!

D'aqui, esta politica pessoal, esta politica de represalias e de inimizades, que não reina só nas côrtes e suas dependencias, mas que tem descido de São Bento para se estender pelo jornalismo, pela litteratura e até pela arte! Ter uma ideia diferente, um ponto de vista opposito ao do meu vizinho do 2.º andar, é ser na vida social um bandido e um indigno.

Já não é o *progressista* ou o *republicano* para o *regenerador* um typo duvidoso, com quem devemos pôr-nos mal, cortar relações. E já para o critico artistico que só admira Charles Blanc, um patife o que só admira Proudhon; para o que admira Ingres, é um imbecil o que só admira Courbet. Para um *romantico*, o seu maior prazer não consistiria em escrever um livro que pozesse para o lado o *realista* e lhe fizesse perder todo o successo; mas pegar no *realista* e molê-lo á paulada n'um recanto sombrio e deserto...

E d'aqui vem a continua série de inimizades e de ciúmes que dividem todos quantos estão em publico por uma qualquer manifestação do espirito; o desejo que cada qual tem de sahir de sua casa de bengala em punho e vir desancando por esse *Chiado* abaixo e por essa *Baixa* fora; este porque é correligionario do sr. Fontes, *aquelle* porque é do sr. Magalhães Lima; *este* porque só gosta do sr. Latino, *aquelle* porque só applaude o sr. Ramalho Ortigão; *este* porque só tem olhos languidos para o sr. Thomaz Ribeiro, *aquelle* porque cria cabellos brancos á espera dos romances do sr. Eça de Queiroz!

E chega-se ao extremo pittoresco e unico de se assistir todos os annos a scenas de pugilato em S. Carlos, porque ha sujeitos que só vivem da recordação do sr. Fancelli e outros que só choram a ausencia do sr. Gayarre. Na plateia não só se applaudem ou se patiam os artistas, mas os espectadores de gostos contrarios dão-se generosamente murros pelos corredores. E ha em Lisboa familias que cinco seculos de parentesco ligavam n'uma amizade prospera e invejavel — que hoje se odeiam e se não podem ver porque esteve ha annos em Lisboa o famoso sr. Reduzzi!...

~ N'uma sociedade assim constituída o *Antonio Maria* não podia deixar de ser o que todas nós sabemos que elle foi — o jornal mais murmelheiro que Portugal viu crescer n'estes ultimos cinco annos. E os partidos que eram opposição esperavam ansiosamente pelas quintas-feiras, para ver como os ministros eram crucificados pelo lapis do caricaturista.

Simplemente com o *Antonio Maria* dava-se um caso curioso. Hoje os *progressistas* applaudiam-no ás mãos ambas — porque era o sr. Fontes que estava no poder. No dia immediato ia para lá o sr. Braamcamp, e os *progressistas* pediam a forca para Raphael Bordallo! Quasi se pôde dizer que havia na administração do jornal dois grandes turnos d'assignantes — *regeneradores* quando os *progressistas* estavam em cima; e *progressistas* quando em cima estavam os *regeneradores*!

~ Se não fosse esta fatalidade da politica que em Portugal pesa sobre tudo, o *Antonio Maria* não teria chegado ao extremo de ser um jornal tambem partidario como ultimamente era, com as suas sympathias e antipathias — e teria conservado sempre inalteravel a sua feição de revista critica, sem tendencias por nenhum partido, causticando o ridiculo viesse elle de cima ou de baixo, da direita ou da esquerda, com esta desenvoltura de lapis que faz de Raphael um dos mais originaes caricaturistas dos nossos tempos.

Devia ter sido sempre esta a sua função. Devia

estar sempre na plateia a observar o que se passava todos os dias sobre a scena. Mas um dia o caricaturista, n'um momento de irreflexão politica, lembrou-se de trepar para o palco, e a partir de então nunca mais deixou de fazer parte do espectáculo. Fora atraído para sempre... Se outro caricaturista houvesse em Lisboa, com certeza que teria um enorme successo se soubesse collocar no mesmo plano Bordallo ao lado do sr. Fontes — aquelle fazendo concorrência a este, disputando-lhe quasi o poder!...

~ Se outro caricaturista houvesse!

Infelizmente para o *Antonio Maria* e para o publico que não houve, nem ha.

Se o *Antonio Maria* tivesse encontrado no seu caminho um jornal capaz de lhe fazer alguma sombra, como nós teriamos tido occasião de admirar verdadeiras obras-primas do genero! Porque o publico ainda não conhece totalmente a virtuosidade de Raphael, o quanto o seu lapis pode dar, o quanto a sua phantasia pode produzir! E rarissimas vezes o *Antonio Maria* chegou a atingir a correcção de desenho e o delicioso acabamento que se encontram em todas as paginas que o illustre artista assignou no *Besouro* do Rio de Janeiro.

Mas o jornal sózinho, senhor do mercado, sem um concorrente, nunca poudo obter do artista os mesmos cuidados e o mesmo carinho que dispensára apenas aos primeiros numeros. E todos sabem como o jornal era feito, sempre á ultima hora. E como as paginas celebres que pareciam ser o resultado d'uma longa elucubração, lhe saham naturalmente do lapis, pouco a pouco, alta noite, entre um copo de cognac e a palestra de dois ou trez amigos que lhe faziam companhia, quando elle fabricava o seu numero.

~ Foi ainda a politica que fez com que o artista desse cabo do jornal. No tempo de Guilherme d'Azevedo semelhante fucto com certeza se não teria dado — porque a grande e gloriosa ironia de Guilherme chegava bem para fazer duas armaduras onde os dois estivessem abrigados de todo o contagio politico!

Mas se o *Antonio Maria* morreu, outro jornal apparecerá. Bordallo Pinheiro não resiste á tentação seis mezes! Verão... O seu elemento é o jornal, e a sua pontinha de chauvinismo empurra-o para a luta; e só o deixa satisfeito quando um lapis se gastou e se encheram oito paginas.

Mas se tem a resolução tomada de nunca mais ser caricaturista, então temos o direito de gritar contra o atentado, porque um artista é propriedade exclusiva do publico, e só tem direito de abandonar a sua carreira quando o publico, em vez de applausos, o recebe com axonios.

Ora Bordallo é dos raros que só tem visto desfolhar-lhe as rosas sobre a estrada. Com que direito então elle deserta, quando nós, que nada temos que ver com a politica, só temos orgulho em queimar uma duzia de foguetes á sua passagem?

Vamos, meu querido artista, ao diabo a politica e põe o teu lapis ao hombro — para nós todos te apresentarmos pennas!...

MARIANO PINA.



## PRELUDIO

*La Nymphe poëte,  
Aux cheveux d'androuille,  
Avec son mot subtil  
Récit d'exil.*

HARVILLE.

*Resplendentes crianças,  
Rimas dispersas em dansas,  
Volateando suaves,  
Como aves;*

*Sonhos que a myrrha perfuma,  
Chimeras brancas de espuma,  
De mil rubia de alvoradas  
C'roadas;*

*Willis de neve, alvas nixes,  
Turquezas, risens onixes,  
Granadas, beryllos, praços,  
Topázios;*

*Bandos de fadas errantes,  
Chusmas de archanjos brilhantes,  
Sombras de ignotas Ilyrias,  
Waltkyrias;*

*Voltae nas azas do idyllio!  
Rasgae as nuvens do exilio,  
Abri as azas cheirosas  
De rosas!*

*Dos verdes bosques sombrios,  
Dos claros, limpidos rios  
Trazei, sagradas redomas,  
C'aromas!*

*E os sons das lubricas festas  
Que vão trovando as florestas,  
Onde entre a luz vêm-se, em bando,  
Cantando,*

*Nayades, myrthos, assambros,  
Nymphas de esplendidos hombros,  
Molhando d'agua nos veios  
Os seios!*

*Corda por corda de flores,  
Nota por nota de amores,  
A lyra que morta cae-me  
Banhae-me!*

*Chegae dos longes Eurotas,  
O' cysnes, ibis, gaivotas,  
— Alados lyrios de pluma  
De espuma!*

*Chegae-vos, nuvens rosadas,  
Nuvens de seda espalhadas  
Na luz vibrante e sonora  
Da aurôra!*

*Chegae-vos, anjos dispersos,  
O' anjos que encheis meus versos,  
Poesia, sombras cheirosas  
De rosas!*

ALBERTO D'OLIVEIRA.



QUANDO Paulo de Saint-Victor escreveu na *Presse* a apreciação dos *Operários do Mar* de Victor-Hugo, este dirigiu-lhe de Guernesey uma carta de agradecimento, em que havia a seguinte phrase: «*Sente-se desejo de fazer um livro só para o obrigar a escrever uma pagina.*»

Os últimos dias da quinzana trouxeram-nos um novo livro de Paulo de Saint-Victor e precisamente intitulado *Victor-Hugo*. É a collecção de todos os trabalhos de critica que o malogrado author dos *Homens e Deuses* consagrou ás produções do Mestre durante quasi todo o exílio d'este ultimo, isto é, quando escrever de Victor-Hugo era um acto de coragem e de independência.

Posto que a reunião d'estes estudos não obedeça a um plano concebido de antemão, e careça da unidade que preside ás outras obras de Paulo de Saint-Victor, ella deve ser considerada como o remate d'esse maravilhoso monumento artistico que sob o titulo *As duas mascaras* o grande escriptor elevou á gloria do genio dramatico de todos os povos e de todos os tempos. Partindo de Eschylo, passando por Sophocles, Baripedes, Aristophanes, Shakespeare, Corneille, Racine, Molière e Beaumarchais, esta esplendida epopeia em prosa ficaria incompleta se o seu ultimo canto não fosse consagrado ao homem

*par qui ce siècle finit.*

O estylo de Paulo de Saint-Victor não se discute. É a perfeição mesmo. Nunca a palavra humana cantou estrophes mais harmoniosas, melodias mais inefaveis, canicos de pureza mais divina do que sob a penna vibrante como um plectro d'este assombroso escriptor. Quem ha nahi que tendo na alma o culto do bello na arte, a admiração do sublime, a lembrança das horas de lucta contra o demonio incoercivel da Forma, não tem lido e relido com o olhar dilatado de espanto aquella sublime pagina com que abrem os *Homens e Deuses*, obra prima entre as obras primas da linguagem humana e que é simplesmente a mais bella copia que se tem feito e se ha de fazer da Venus de Milo. Quando pela primeira vez, ao entrar na sala do Louvre onde a Deusa campela, a vi destacad-se como uma flor de neve, do fundo carmezim das tapeçarias, resplandecente na sua casta semi-nudez, quando pela primeira vez pude contemplar aquelle prodigio unico do genio humano, aquella cabeça pequenina e esvelta, aquelle tronco elegantissimo e flexivel, aquelles hombros por onde o olhar escorrega em delirio, aquelles seios onde elle se fixa extatico, e que se erguem tumidos, quasi palpitantes de vida, taças de voluptuosidade e de embriaguez, donde o amor trasborda espumante e inextinguivel como um vinho de fogo e de loucura — não senti um calafrio mais violento, um prazer mais intellectual e ao mesmo tempo mais lascivo do que ao percorrer com a febre, a ansia de aprender dos vinte annos, a pagina sublime que a Venus de Milo inspirou a Paulo de Saint-Victor.

Pois bem, e este estylista incomparavel, este poeta mais harmonioso que os poetas, este prodigio formosissimo do genio romantico unido á perfeição classica — que se trac mais resplandecente e inspirado do que nunca n'estas paginas outrora escriptas com a precipitação fatal da publicação periodica e que tem apesar d'isso,

reunidas na forma permanente do livro, a harmonia, a perfeição, o esmero, o acabamento das obras definitivas e longamente meditadas.

Lulam por exemplo estas linhas desengastadas ao acaso:

Este novo livro *A Lenda dos seculos* prolonga, egualando a sempre, e excedendo-a por vezes a mais alta parte da obra de Victor-Hugo. Ha já quinze annos que acima das suas poesias, dos seus romances, dos seus dramas, elle ergueu a Epopeia. Porque esse poema epico, cuja lacuna fôo censurada era a França, essa pedra angular, ou essa torre mestra de toda a litteratura nacional, que faltava á nossa, a *Lenda dos seculos* deu-lha. Poema já não circumscripto como a maior parte das Epopeas modernas, no cyclo d'um tempo, no recinto de uma cidade, no campo de uma guerra, mas infinito e indefinido, além e aquém da historia; fazendo uma unidade da ultiquidade, atravessando todas as regiões, todas as barbarias, todas as civilizações, todos os cultos, todo do Eden á agua fartada, da choupana ao palacio, do pagode á cathedral, interpretando a realidade segundo a miragem, vendo o facto dissipado, atravez do fumo que o attesta, interrogando o Echo que falla depois que a Voz se callou, contemplando o mastros e sondando as turbas; agora, larga canção de gesta mais tarde, elegia; muitas vezes como uma enfiada de baixos remeros e de frescos, algumas conciso como a inscripção de uma medalha, empregando, segundo os leis d'uma arte infallivel, a redução ou a plenitude do assumpto, unindo a narrativa ao drama, alternando o dialogo com o lyrismo, mostrando o homem sob todas as suas claridades e sob todas as suas sombras, em todas as paragens da sua jornada, em todos os actos da sua tragedia. Poder-se-hia imaginar este Poema Universal sob o aspecto de uma especie de Arca immensa, povoada de todas as especies e de todos os typos, que recolhe passageiros novos a cada voltar de horizonte e que atravez das bonanças e das tempestades, os naufragios e as invernações, os eclipses e os arco-iris, voa magestosamente sobre o mar dos seculos para a Terra promettida do Futuro!

Por toda a parte a mesma grandeza, a mesma largura de inspiração, a mesma magnificencia de linguagem. Ao passar pelo espirito de Paulo de Saint-Victor, as ideias mais simples e mais singelas irrisavam-se de pedras preciosas e de faiscas d'ouro, como esses pequenos ramos que, mergulhados nas aguas de Sainte-Allyre, se cobrem de pequenos e scintillantes christaes.

\*.\*

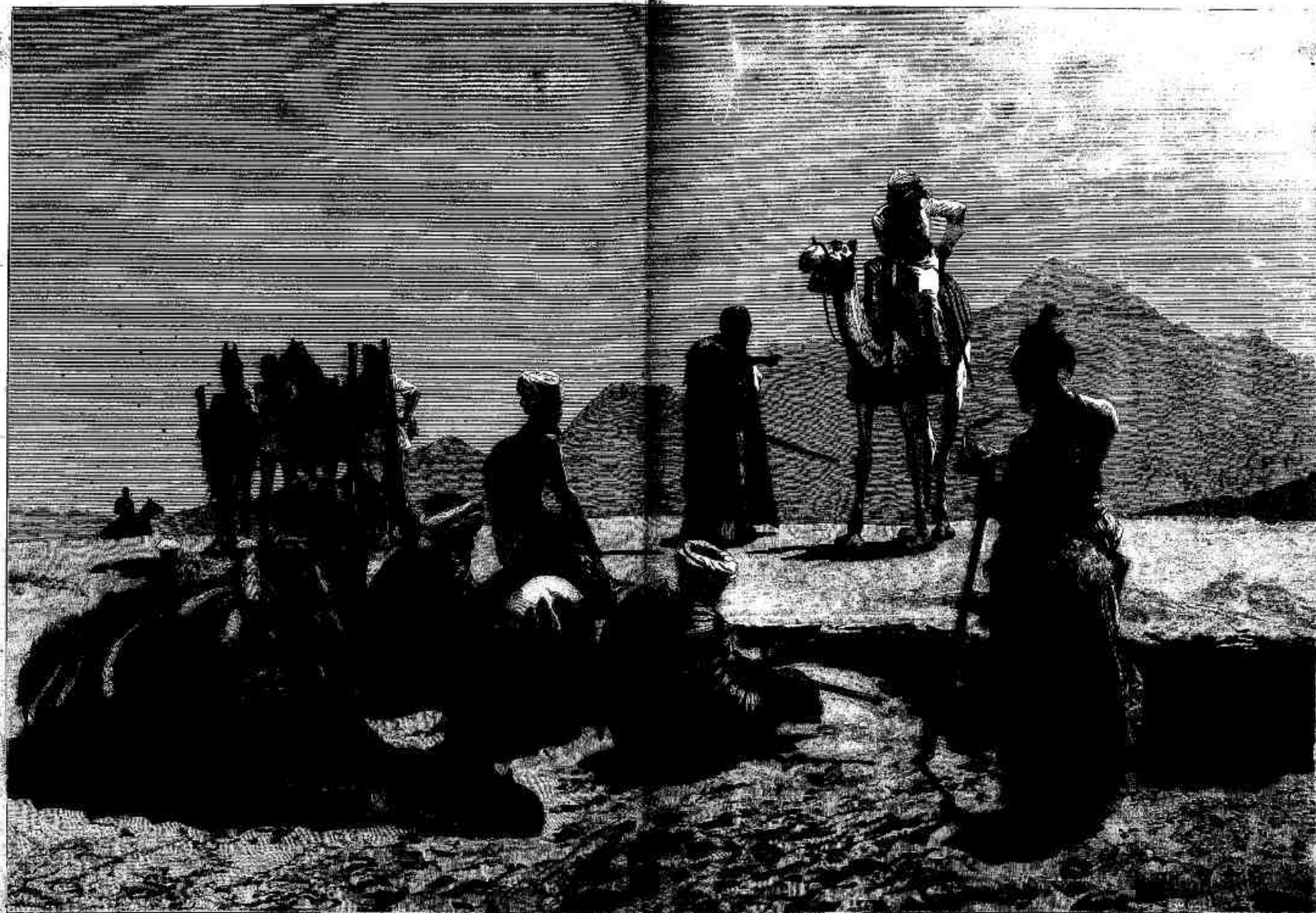
O pintor João Gigoux acaba de publicar um interessantissimo volume sobre o titulo: *Causeries sur les artistes de mon temps*. O titulo é bem achado, por que todo o livro tem o ar despretencioso e um pouco desconzido d'um cavaco entre amigos, na hora psychologica do cognac e dos charutos. É uma enfiada de aneddotas sobre a maior parte das personalidades artisticas d'este seculo, Duprê, Gavarni, Corot, Delacroix, Vernet, o conde d'Orsay, o inextinguivel e scintillante Prédault, Troyon e cincoenta outros mais, surgem n'aquellas paginas, não na attitud classic e envoltos nas roupagens harmoniosas em que a gloria os esculpio, mas em robe de chambre, em mangas de camisa, alguns até em ainda mais simples apparelho. Sob o ponto de vista litterario ha pouco que dizer. O author de *Leonardo de Vinci* e do retrato de Fourier contenta-se com escrever as coisas simplesmente, n'um estylo um tanto pallido, mas que se lê com agrado. Vê-se que se não tem, como o extraordinario colorista dos *Mestres d'arte* *un joli brin de plume* *à son pinceau*, pontos um conhecimento muito sufficiente das regras do syntaxe, o que é realmente o maximo que se pode atingir d'um artista e sobretudo d'um excellent pintor, quando ha por ali tanto escriptor de talento, que se ignora sem ao menos ter a desvantagem de saber pintar.





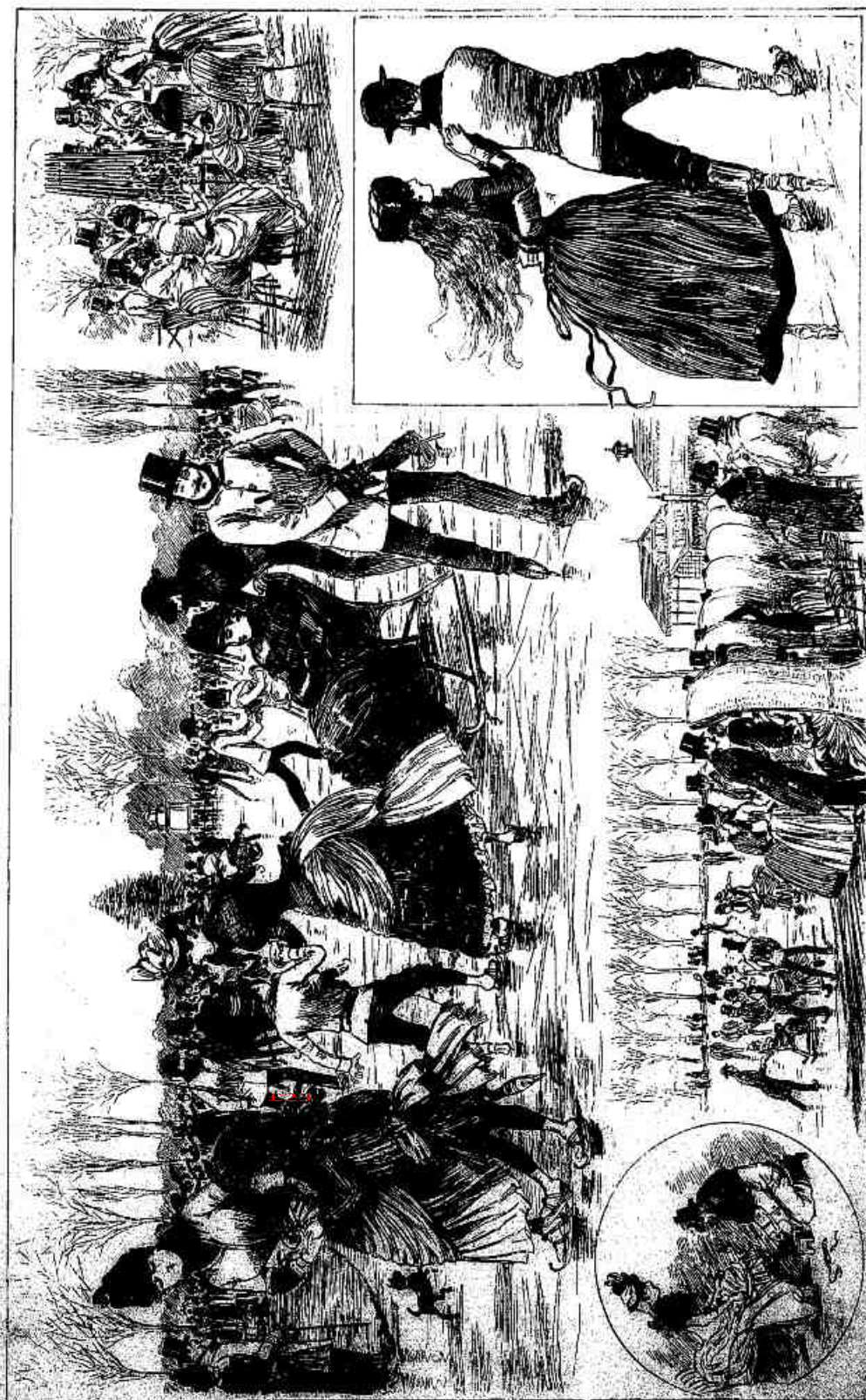
PORTUGAL — ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR, ex-ministro das Obras publicas.





OS INGLEZES NO EGITO — Em reconhecimento.





PARIS. PITONKESCO. — O Club dos patinadores no bosque de Bolonha. — Desenho de Mars.



São todas estas scenas tão pittorescas e tão imprevisíveis para os nossos leitores de Portugal e do Brasil que nos seus respectivos países não podem pagar-se semelhantes phantasias — que o nosso brilhante collaborador M. Du-branle traduziu com aquella elegancia e aquella simplicidade que só elle sabe encontrar nos blocos d'uma penna. É sempre com verdadeira satisfação que nós dispomos d'uma pagina do nosso jornal para um novo trabalho do illustre desenhador de todas as elegancias de Paris — porque é sempre com verdadeiro interesse que os nossos leitores procuram o seu nome em cada numero que chega da Illustration.

O grande acontecimento do inverno parisiense de 84-85 é interpretado por M. Du-branle de modo verdadeiramente notavel. As attitudes dos patinadores sobre o gelo; as corridas dos trens; as hesitações de que ainda não estão habituados a este divertimento; a fila das cadeiras de voga, com costas, como se usam no campo e nas praias, para as senhoras que são simples espectadores; as reuniões em volta dos brazeiros — tudo é anotado por um espirito finissimo, proprio d'um filho do boulevard, onde tem uma reputação merecida de brilhante desenhador.



## OS SURDOS E A LEITURA DOS MOVIMENTOS

DOs LABIOS

**H**as poucas enfermidades são communs como a surdez, e ha poucas que tenham uma acção mais directa e mais immediata sobre todas as relações da existencia. Ha muito que se procura remedial-a por meio deapparelhos que são por assim dizer ouvidos artificiaes. M. Du-branle, professor na instituição dos surdos-mudos de Paris, classifica estes apparelhos em duas categorias: pertencem a primeira aquellos cujo fim é apenas recolher as ondas sonoras, reforçar-as e transmitil-as immediatamente ao ouvido, como são as cornetas e os tubos acusticos, os tubos dilatantes, as diferentes variedades de ouvidos artificiaes de metal caoutchouc ou seda solidificada e enfim diversas cornetas que pelas suas pequenas dimensões facilmente se dissimulam. Pertencem ao segundo grupo aquellos que, graças ás relações directas da cabeça com o orgão auditivo, elevam as ondas sonoras até ao nervo acustico por intermedio dos dentes e da região temporal: taes são o audiphone, o dentaphone e a bengala acustica de Paladino.

Pouco diremos sobre as cornetas acusticas que são em numero consideravel e de formas muito variadas. O inconveniente commum a todas ellas é o seguinte:

Os nervos auditivos sobreexcitados um momento pelo som reforçado, vão-se habituando a elle no fim de algum tempo, o ouvido acaba-se transportado ao mesmo grau de insensibilidade. As cornetas produzindo a fadiga apressam a paralisia final, que é sobretudo para temer.

Os tubos acusticos são muito mais recentes; os melhores são os de Duker e de Rein; este ultimo foi construido conforme as indicações de M. L. de Lacharrière, um canudo elastico terminado de um lado por um tubo que se introduz no ouvido, e do outro por um funil que recolhe os sons. Entre os instrumentos cujo fim é de attenuar a surdez lembraremos o microphone auricular, o leque acustico, instrumentos engenhosos de certo, mas nos quaes nenhum principio physico ou physiologico é apresentado. É mais digno da attenção o audiphone inventado por M. Rhodes, de Chicago, e fundado sobre o principio da transmissão dos sons a um nervo

acustico ainda não completamente paralisado, por intermedio dos dentes e dos ossos da caixa cranheana.

Sube-se que os liquidos, e os solidos mais ainda do que os liquidos, são admiraveis conductores do som. A este respeito, encontram-se em todos os tratados da physica as experiencias classicas. Os empregados do caminho de ferro applicam algumas vezes o ouvido aos rails para serem advertidos da chegada de um trem pela vibração que se comunica rapidamente a grandes distancias. Seguem n'isto o exemplo dado pelos selvagens de todos os países que applicam o ouvido á terra para distinguir ruidos longinquos.

Quando se está deitado, ouvem-se mil ruidos não transmitidos pelo ar, mas sim communicados ás casas e por estas aos moveis. As pessoas doentes attingem por vezes um grau de sensibilidade tal que estes pequenos movimentos vibratorios se lhes tornam insupportaveis. Quando nos damos ao trabalho de estudar as nossas proprias sensações, descobrimos sem difficuldade que uma serie de pequenos ruidos chamam até nós por assim dizer subjectivamente, trazidos por um movimento que não atravessa o tympano; de ordinario os sons exteriores não nos permitem distinguil-os, e para bem os observar é necessario tornarmos-nos surdos artificialmente tapando os ouvidos com algodão. Ouve-se então perfeitamente distincto o tic-tac de um relógio apertado entre os dentes.

Um diapásão, vibrando, approximado do alto da cabeça, dos dentes, ou mesmo do sternu, produz a sensação de um som muito intenso.

M. Du-branle cita-nos uma outra experiencia a qual foi levado quando repetia as de Rinne e de Gellé sobre a percepção do diapásão pelos ossos da cabeça, e que mostra tambem quanto os ossos são bons conductores do som. Consiste esta experiencia em atur um diapásão pelo pé a um cordel ou melhor ainda a uma corda de rebeca que se applica ao maxillar inferior ao mesmo tempo que se introduzem as duas extremidades do cordel nos ouvidos que se tem o cuidado de tapar o melhor possivel. Se fizermos vibrar o diapásão excitando-o com um corpo duro e resistente, ouve-se então um som de uma grande intensidade quasi comparavel ao de um sino.

O facto da transmissão das ondas sonoras pelos ossos da cabeça era conhecido, mas nada d'elle se tinha tirado até á invenção de Rhodes. M. Du-branle experimentou o audiphone sobre os surdos-mudos e sobre pessoas afectadas de surdez incompleta.

« Observámos, diz elle, que os primeiros não apprehendiam uma unica palavra pronunciada em voz alta diante do audiphone. Quanto aos outros, segundo as proprias declarações d'elles, o apparelho tinha modificado apenas a sua maneira de ser. »

Os resultados obtidos pelo audiphone estão longe de satisfazer o que d'elle se esperava. Numerosas experiencias tem demonstrado que só um pequeno numero de pessoas consegue produzir um augmento do ouvido, e o seu effeito fica muito aquem d'aquelle que se obtém com o tubo acustico.

Para terminar quanto ao que diz respeito aos meios palliativos fornecidos pela prothesis auricular, seja-nos permitido lembrar aqui a opinião de M. Bonnafont, que era tambem a de Itard:

« Os surdos que tiram algumas vantagens dos instrumentos acusticos, pertencem todos a uma idade avançada, ao passo que os novos raras vezes se servem d'elles, dado o mesmo estado de surdez. Quanto aos surdos-mudos que não são completamente surdos, não ha exemplo que um só tenha achado a minima utilidade d'estes genero de instrumentos. »

Compenetrado da insufficiencia dos apparelhos inventados para attenuar os effeitos da surdez, instrumentos que além d'isso se tornam inapplicaveis em muitas molestias do ouvido, M. Du-branle mudou de rumo e propõe-se agora supprir o ouvido pela leitura dos movimentos dos labios.

A ideia fundamental é a mesma que serve de base á arte de ensinar a lingua fallada aos surdos-mudos, e muito antiga; mas sem ir mais longe, podemos citar: O curso elemental de educação dos surdos-mudos, publicado em 1779, pelo abade Des-champs, e o tratado publicado em 1841 pelo doutor

Schmelz, em Leipzig, sob o titulo: A arte de comprehender pelos olhos as palavras falladas, como meio de supprir tanto quanto possivel o ouvido das pessoas surdas ou que o tem duro.

Ha duas cousas na palavra, o que se houve e o que se vê. Muitos auctores tem fallado de surdos-mudos que tinham aprendido a lêr nos labios; de resto, basta visitar os estabelecimentos de surdos-mudos; ter-se-ha a prova de que todos os surdos-mudos, sem excepção, podem aprender a exprimir-se e a comprehender a palavra pelos movimentos dos labios. É claro que a difficuldade é muito menor para os que só por accidente são surdos; os primeiros tem tudo a aprender, os segundos não tem senão a recordar.

Sem duvida, não é facil lêr na boca do outrem uma palavra cujo som nos não chega ao ouvido, como tambem não é facil concentrar a attenção nos movimentos dos labios, da lingua e da face ao mesmo tempo; entretanto pode conseguir-se e fazer assim com que os olhos preencham as funções dos ouvidos.

Pode-se, por um longo habito, crear uma nova faculdade; a ausencia dá nos outros uma agudeza, uma delicadeza excepcional; os cegos adquirem um tacto mais fino e os surdos ao olhar mais penetrante; os olhos n'estes estão sempre attentos; o surdo que sabe fallar, que conhece a contextura das phrases e a composição das palavras encontra uma grande facilidade em lêr nos labios; obtém-se com este, resultados mais completos e mais promptos do que com o surdo-mudo.

De resto, eis aqui em que condições a nova educação dos surdos — visto que é uma educação completa — deve ser feita: citamos textualmente M. Du-branle:

« Para conseguir que o surdo leia bem a palavra nos labios, é indispensavel:

1.º Que o interlocutor se colloque em frente d'elle a uma distancia que varia de vinte centímetros a um metro;

2.º Que conserve a cara á altura da cara do surdo, illuminado por uma luz temperada;

3.º Que articule com nitidez e naturalidade;

4.º Que empregue um grau de voz correspondente áquelle que se emprega na conversação ordinaria, afim de evitar a fadiga e de permitir que os orgãos tomem a posição mais natural;

5.º Abster-se-ha de todos os movimentos exagerados da bocca, e de quaesquer signaes ou indicações que poderem ser considerados como uma convenção tacita;

6.º Procurará tanto quanto possivel não fazer movimentos com a cabeça e com os braços afim de permitir que o surdo fixe toda a sua attenção nos movimentos dos labios;

7.º Guardar-se-ha de dividir a palavra, pondo um intervallo entre cada duna syllaba;

8.º Deve-se habituar o surdo á leitura labial com variações de luz, de distancia e com diferentes posições da cara;

9.º Recommendar-se-lhe-ha que se exercite a lêr a palavra em um grande numero de bocças, por isso que a conversação é o melhor meio para o familiarisar com a leitura labial;

10.º Por ultimo, afim de fazer progressos rapidos, dar-se-lhe-ha o conselho de se collocar diante de um espelho e de observar em si mesmo as posições e os movimentos dos seus labios, procurando reconhecer a caracteristica de cada som. »

Não podemos acompanhar aqui M. Du-branle no estudo detalhado do seu methodo e dos movimentos que acompanham a linguagem. É tal qual a famosa lição do professor em Monsieur de Pourceaugnac; ao principio faz-se intervir o surdo pelo qual o surdo estuda as vibrações do orgão. A mão colloca-se contra a larynge da lha e conhece que um mesmo som é sempre acompanhado pelas mesmas vibrações e facilita a leitura das articulações que tem uma grande analogia organica. Contudo, a percepção facil deve ser apenas um auxilio momentaneo.

O estudo do surdo deve começar pelos sons ou articulações elementares, vogaes e consoantes. As vogaes não apresentam difficuldade alguma, as consoantes devem ser estudadas por uma carta or-



**Verniz de ambar.** — O ambar é solúvel no ácido sulfúrico e nos álcalis puros. Pode obter-se um bom verniz aquecendo-o a uma temperatura elevada, ajustando óleo e mecônio com um pouco de terebentina até resstir completamente.

**Académie de Médecine de Paris**

**O REZZA**

Eau Minérale Naturelle d'Evian  
gineuse. — Cette Eau est si  
récuse dans le Traitement de  
Gastralgies, Coliques  
Fievres, Anémie, et toutes les Maladies  
provenant de l'appauvrissement du sang.

A **clorose** e a **anemia**  
são frequentemente combatidas  
com o suplemento regular de  
**FERRA VITAMINAS**.  
Lembre-se que há um sangue,  
um gofio, na natureza,  
possuído com a máxima



# AS MUSICAS DA « ILLUSTRÇÃO »

## MARCHE DES BOHÉMIENS

WEBER

*Moderato e ben marcato*

PIANO

The musical score is a piano arrangement of 'Marche des Bohémiens' by Franz Weber. It is written for piano and consists of five systems of two staves each. The tempo is marked 'Moderato e ben marcato'. The key signature has one flat (B-flat). The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings like 'pp' and 'ff'.